

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

LEANDRO DE PAULA LOIOLA

**O ESTRESSE FINANCEIRO EM DOIS GRUPOS DE PROFISSIONAIS
BRASILEIROS**

São Paulo
2014

LEANDRO DE PAULA LOIOLA

**O ESTRESSE FINANCEIRO EM DOIS GRUPOS DE PROFISSIONAIS
BRASILEIROS**

Dissertação apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração Empresas.

Campo de conhecimento: Mercados
Financeiros

Orientador: Prof. Dr. William Eid Jr.

São Paulo
2014

Loiola, Leandro de Paula.

O ESTRESSE FINANCEIRO EM DOIS GRUPOS DE PROFISSIONAIS
BRASILEIROS / Leandro de Paula Loiola. - 2014 54 f.

Orientador: William Eid Junior

Dissertação (MPA) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

1. Finanças privadas. 2. Administração financeira. 3. Stress (Psicologia). I.
Eid Junior, William. II. Dissertação (MPA) - Escola de Administração de
Empresas de São Paulo. III. Título.

CDU 336-05

LEANDRO DE PAULA LOIOLA

**O ESTRESSE FINANCEIRO EM DOIS GRUPOS DE PROFISSIONAIS
BRASILEIROS**

Dissertação apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração Empresas.

Campo de conhecimento: Mercados
Financeiros

Data de aprovação:
03/02/2014

Banca examinadora:

Prof. Dr. William Eid Jr. (Orientador)
FGV-EAESP

Prof. Dr. Ricardo Rochman
FGV-EESP

Prof. Dr. Germano Glufke Reis
FGV-EAESP

AGRADECIMENTOS

À minha querida esposa, Fernanda, pela inspiração para que eu entrasse nessa jornada, pela paciência durante todo o curso e pelas revisões deste material.

À minha irmã, Priscilla, que ainda tão jovem já se tornou um exemplo de acadêmica de sucesso. Obrigado também pelas críticas e revisões.

Aos membros da banca, que não pouparam críticas e tornaram esse trabalho melhor a cada etapa.

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é analisar comparativamente dois grupos de profissionais brasileiros sob a ótica das finanças pessoais e o estresse financeiro. O estresse financeiro pode ser descrito como uma preocupação excessiva com os problemas financeiros pessoais diante da incapacidade de equacioná-los. A hipótese central é que planejadores financeiros pessoais certificados pelo IBCPF - Instituto Brasileiro de Certificação de Profissionais Financeiros (chamados de CFPs) apresentassem menores níveis de estresse do que profissionais de outras áreas, por causa do seu conhecimento sobre finanças. Além disso, buscamos analisar as correlações entre o estresse financeiro e variáveis associadas a ele, como renda, investimentos, dívidas, idade, sexo, escolaridade, entre outras. Para efeito deste estudo, o estresse financeiro foi considerado como uma variável dependente. Usamos um questionário quantitativo sobre estresse financeiro e variáveis diversas, em uma amostra de 130 profissionais de vários setores da economia durante o segundo semestre de 2013. A escala de estresse financeiro utilizada no estudo replicou o formato de autoria de um grupo de estudiosos americanos sobre o tema: IFDFW (*InCharge Financial Distress/ Financial Well Being Scale*) (Prawitz et al., 2006). Os resultados encontrados trazem evidências que favorecem as seguintes conclusões: 1) O estresse financeiro é inferior no grupo de planejadores financeiros pessoais. Os CFPs tem, em média, um nível de bem-estar financeiro “muito bom” na escala IFDFW (Prawitz et al., 2006). Já o outro grupo de profissionais tem um nível “médio/ moderado” de bem-estar financeiro; 2) há grande correlação entre estresse financeiro e o volume de dívidas do grupo de profissionais não especializados em finanças pessoais (-0,83); 3) a correlação esperada com o estresse financeiro se confirmou em 67% das variáveis analisadas. Nas outras 33% encontramos relações inesperadas com o estresse financeiro; 4) as correlações entre estresse financeiro e as variáveis foram, de forma geral, baixas, levando-nos a concluir que uma análise qualitativa em estudos futuros pode ser importante para explicar o fenômeno.

Palavras-chave: finanças pessoais, planejamento financeiro pessoal, estresse financeiro.

ABSTRACT

The goal of this research project is to analyze comparatively two groups of Brazilian professionals on their personal financial issues and financial stress. Financial stress may be described as an excessive concern on personal finances and the inability to solve eventual problems. The main hypothesis one of the ground, personal financial planners, who have IBCPF - Brazilian Institute of Certified Financial Professionals certification (hereafter called CFPs) would present a lower level of financial stress than other professionals, due to their knowledge on finances. Moreover, we aimed to analyze the correlation between financial stress and other associated variables, as income, investments, debts, age, sex, schooling, among others. We considered financial stress as a dependent variable in the analysis. We applied a quantitative questionnaire on the financial stress and other variables to 130 professionals of many economic sector during the second semester of 2013. We used a financial stress scale which is a replicate of IFDFW (*InCharge Financial Distress/ Financial Well Being Scale*) (Prawitz et al., 2006). Our results support that: 1) Financial stress is lower among the Financial Planners than among other professionals. CFPs had an average "very good" financial well-being on the IFDFW scale (Prawitz et al., 2006). Other professionals had an "intermediate/moderate" level of financial well-being; 2) there is a strong correlation between financial stress and the volume of debts among the non-specialized in personal finances group (-0.83); 3) most of the expected correlation of the analyzed variables with financial stress were corroborated, 67% of the cases. In 33% of the variables analyzed, we found unexpected relationships with financial stress; 4) relationship between financial stress and the analyzed variables were not strong in most of the cases, leading us to the conclusion that future studies should take into account the qualitative variables to explain the phenomenon.

Keywords: personal finances, personal planning, financial stress

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Radiografia do endividamento das famílias nas capitais brasileiras.....	12
Figura 2 - Valorização nominal do metro quadrado em imóveis residenciais por quantidade de dormitórios em São Paulo, capital, de 2000 a 2010	13
Figura 3 - Crédito habitacional FGTS: Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e SBPE: Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo	13
Figura 4 - Gráfico da Taxa de Desemprego no Brasil de 2003 a 2012	14
Figura 5 - Variações nas concessões de crédito e juros cobrados	14
Figura 6 - A inclusão financeira e o desenvolvimento econômico	17
Figura 7 - Modelo de Solvabilidade	19
Figura 8 - Distribuição das frequências de idade dos respondentes separados por grupos: CFPs e não-CFPs	34
Figura 9 - Distribuição do estresse financeiro no estudo original	39
Figura 10 - Distribuição do estresse financeiro no nosso estudo	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Terminologia descritiva para interpretação da Escala IFDFW	22
Quadro 2 - Questões utilizadas na pesquisa e a respectiva origem na literatura	23
Quadro 3 - Comparação entre a hipótese levantada e as correlações observadas entre estresse e as variáveis independentes.....	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sobre-endividamento na Grã-Bretanha	18
Tabela 2 - Médias das variáveis analisadas na pesquisa	24
Tabela 3 - Correlações entre estresse de cada grupo e as variáveis independentes.....	25
Tabela 4 - Resultado da pergunta sobre conhecimento sobre finanças em cada grupo.....	27
Tabela 5 - Dados desta pesquisa comparados com os dados do Censo do IBGE 2010	29
Tabela 6 - Resultado da pergunta sobre renda mensal de cada grupo separado em porcentagem respondida em cada categoria.....	30
Tabela 7 - Renda mensal entre os CFPs e a média de estresse em cada faixa de renda.....	30
Tabela 8 - Renda mensal entre os outros profissionais (não CFPs) e a média de estresse em cada faixa.....	30

Tabela 9 - Resultado da pergunta sobre eventos negativos ocorridos nos últimos dois anos de vida dos entrevistados e a média de estresse em cada uma das categorias	31
Tabela 10 - Resultado da pergunta sobre principal fonte de renda entre todos os pesquisados.....	32
Tabela 11 - Resultado da pergunta sobre principal fonte de renda entre os CFPs e a média de estresse separada em cada fonte de renda.....	33
Tabela 12 - Resultado da pergunta sobre fonte de renda entre os profissionais não-CFPs e a média de estresse separada em cada fonte de renda	33
Tabela 13 - Distribuição dos respondentes separados por sexo	35
Tabela 14 - Resultado da pergunta sobre sexo e a média de estresse em cada grupo	35
Tabela 15 - Resultado da pergunta sobre organização financeira dos pais e a média de estresse em cada grupo	36
Tabela 16 - Resultado da pergunta sobre variabilidade da renda e a média de estresse em cada grupo.....	37
Tabela 17 - Resultado da pergunta sobre a possibilidade de demissão nos próximos 6 meses e a média de estresse em cada grupo	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Cenário Econômico do Brasil	11
1.2 Levantamento Bibliográfico	15
1.3 A escala de estresse IFDFW.....	20
2 AMOSTRA E METODOLOGIA.....	21
2.1 Forma de Abordagem – Pesquisa Quantitativa.....	21
3 RESULTADOS	24
3.1 Dívidas	26
3.2 Conhecimento declarado sobre finanças pessoais	26
3.3 Diferença entre Investimentos e Dívidas.....	28
3.4 Escolaridade.....	28
3.5 Renda.....	29
3.6 Eventos negativos	32
3.7 Fonte de renda	33
3.8 Idade	35
3.9 Sexo	36
3.10 Organização financeira dos pais	37
3.11 Variabilidade da renda.....	39
3.12 Demissão nos próximos 6 meses	40
3.13 Comparação dos resultados obtidos com o estudo original (Prawitz et al., 2006).....	40
4 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	43
5 REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A	49

1 INTRODUÇÃO

A estabilidade econômica brasileira trouxe um cenário ambíguo para as finanças das famílias e das pessoas. Se, por um lado, ampliou a oferta de crédito e reduziu os juros para os tomadores, por outro lado, aumentou a chance desses tomadores se endividarem em excesso. Esse cenário pode ter se agravado por despreparo sobre finanças pessoais por parte da população em questão ou por diversos fatores comportamentais que podem levar as pessoas ao estresse financeiro.

Artigos recentes têm destacado o alto grau de endividamento das pessoas físicas, seu maior acesso ao crédito, o aumento do poder de compra das classes menos abastadas e o impacto dessas questões na economia como um todo e nas oportunidades geradas para as organizações (SBICCA, 2012). Esses fenômenos podem ser parcialmente explicados pela existência de um cenário de juros baixos que levou as instituições financeiras a ampliarem a abrangência na distribuição dos produtos de crédito em busca de retornos maiores para suas carteiras de crédito (FALCÃO ET AL., 2012).

Ao mesmo tempo em que esse aumento na oferta de crédito permite suprir boa parte da população com recursos para solucionarem um problema histórico de demanda reprimida no Brasil, tanto no crédito para o consumo quanto para aquisição do primeiro imóvel, o contexto educacional e comportamental local pode trazer um efeito indesejável, que é o endividamento exacerbado, conhecido como superendividamento ou sobre-endividamento.

Não foram encontrados estudos que relacionem diretamente endividamento excessivo com estresse financeiro (COURCHANE; ZORN, 2005), e portanto, uma das hipóteses deste trabalho é a relação entre essas variáveis.

A Associação Americana de Psicologia (APA, 2012) faz uma pesquisa anual sobre estresse e o assunto “dinheiro” é citado como a causa mais importante para o estresse dos americanos nos últimos anos. Nas últimas cinco pesquisas disponíveis na página desta associação, mais de 70% dos pesquisados citam essa causa para seu estresse, índice que supera os temas “Trabalho”, “Saúde” e “Crianças”. (APA, 2012). Trata-se, portanto, de um estudo relevante e de impacto na população como um todo.

Os impactos do estresse financeiro na produtividade das pessoas e os riscos que isso pode trazer para as organizações também são razões para este estudo, ainda que não sejam o foco principal do trabalho. Acreditamos ser válido o estudo do fenômeno para buscar formas de reduzi-lo e, conseqüentemente, elevar a produtividade das pessoas e das empresas.

As lacunas que este projeto pretende preencher são a identificação de fatores objetivos e subjetivos associados ao estresse financeiro em um grupo de profissionais de diversos setores econômicos no Brasil e diferenciando-os dos membros do IBCPF (Instituto Brasileiro de Certificação de Profissionais Financeiros, daqui em diante chamados CFPs).

O perfil do CFP: o *Certified Financial Planner* (planejador financeiro certificado) está habilitado a auxiliar pessoas físicas em seu planejamento financeiro. Este profissional pode atuar como autônomo ou empregado de grupos financeiros, seguradoras, entidades de previdência complementar e demais áreas do planejamento financeiro pessoal. Além do teste inicial, este profissional deve manter-se atualizado para manter a certificação, por um controle de créditos do IBCPF que pode ser obtido em palestras e cursos voltados ao planejamento financeiro.

No Brasil, o CFP tem características diferentes do profissional nos Estados Unidos, país onde foi criada a profissão. Nos EUA, esse profissional opera (em sua maioria) de forma independente, oferecendo serviços de planejamento financeiro e recomendação de portfólios a clientes de diversos níveis de renda e patrimônio. Aqui no Brasil, encontramos uma grande quantidade de CFPs que trabalham em bancos na gestão de recursos e atendimento de clientes de alta renda. Em nossa pesquisa encontramos pessoas que trabalham direta ou indiretamente no planejamento financeiro e na gestão do patrimônio de clientes de alta renda ou *private*. O perfil dos outros profissionais que utilizaremos como comparação com os CFPs é heterogêneo, composto por formações acadêmicas diversas. Para endereçar essas lacunas, o projeto analisa os dados da pesquisa quantitativa, as correlações identificadas e os dados que merecem detalhamento.

A estrutura deste trabalho foi assim construída: após a introdução, abordamos o cenário econômico brasileiro em que a pesquisa foi inserida e o levantamento bibliográfico; o item 2 apresenta características da amostra obtida e a metodologia do trabalho; o item 3 traz os resultados das correlações e as análises dos grupos levantados a partir da pesquisa; e o item 4 apresenta nossas conclusões, limitações do trabalho apresentado e propostas de futuros trabalhos sobre o tema.

1.1 Cenário Econômico do Brasil

De acordo com estudo do BIS – *Bank for International Settlements* (DEBELLE,

2004), o cenário macroeconômico tem alto impacto no endividamento das famílias e, conseqüentemente, em seu estresse financeiro. Por isso, consideramos relevante uma breve explicação sobre as condições de emprego, juros e consumo no Brasil nos últimos anos. Essa descrição deve funcionar como um alerta no caso de replicação do mesmo estudo no futuro, pois os resultados podem não ser os mesmos se o contexto econômico for diferente do atual.

Os juros brasileiros, considerados baixos atualmente, podem ter efeitos negativos no aspecto da formação de poupança e positivos no aspecto do endividamento (DEBELLE, 2004).

A demanda reprimida por bens de consumo e por imóveis próprios foi amplamente explorada em trabalhos sobre o crescimento da classe C, também chamada de “nova classe média” (NERI, 2009).

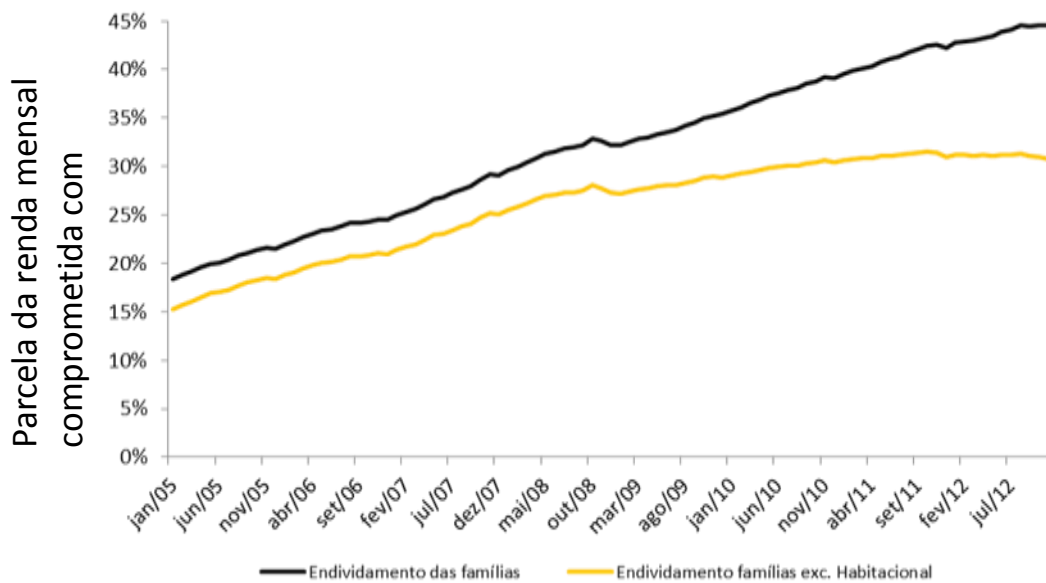


Figura 1 - Radiografia do endividamento das famílias nas capitais brasileiras
Fonte: FECOMERCIO (2011)

O gráfico acima (Figura 1) mostra o crescimento do endividamento das famílias citado por Neri (2009) e destaca o aumento mais expressivo na parcela com imóveis, citado abaixo na estimativa do IBOPE (2010).

Os imóveis, alvo dos sonhos de consumo dos representantes da classe C, tiveram seus preços muito elevados nas capitais brasileiras nos últimos anos (Figura 2). Uma estimativa do IBOPE (2010) afirma que 37 milhões de pessoas no Brasil pretendem comprar imóveis nos meses seguintes à pesquisa.

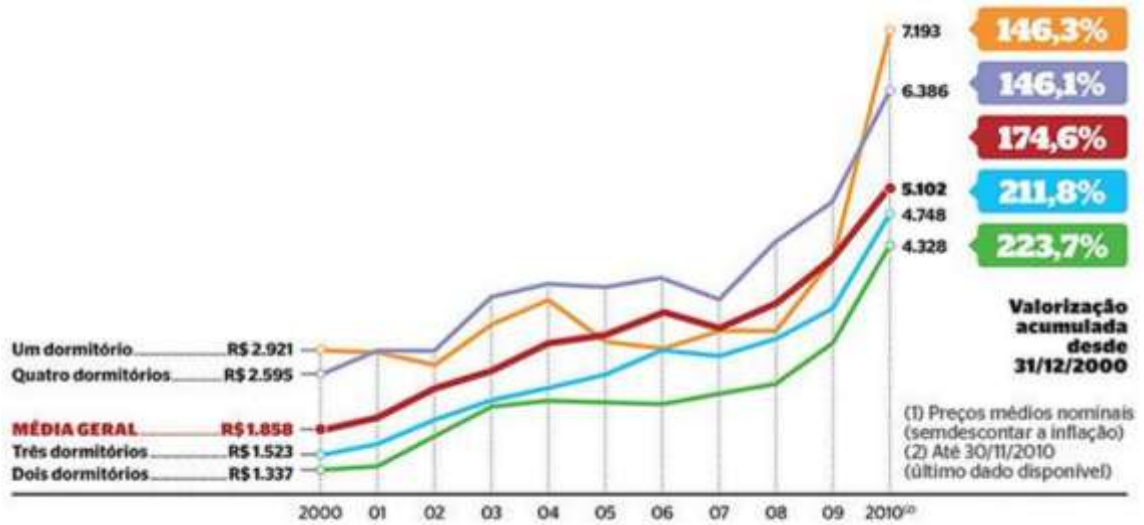


Figura 2 – Valorização nominal do metro quadrado em imóveis residenciais por quantidade de dormitórios em São Paulo, capital, de 2000 a 2010
Fonte: EMBRAESP (2011)

Os volumes financiados e o prazo desses financiamentos também cresceram (Figura 3). O crédito habitacional foi multiplicado por 15 em apenas oito anos (IBOPE, 2010).

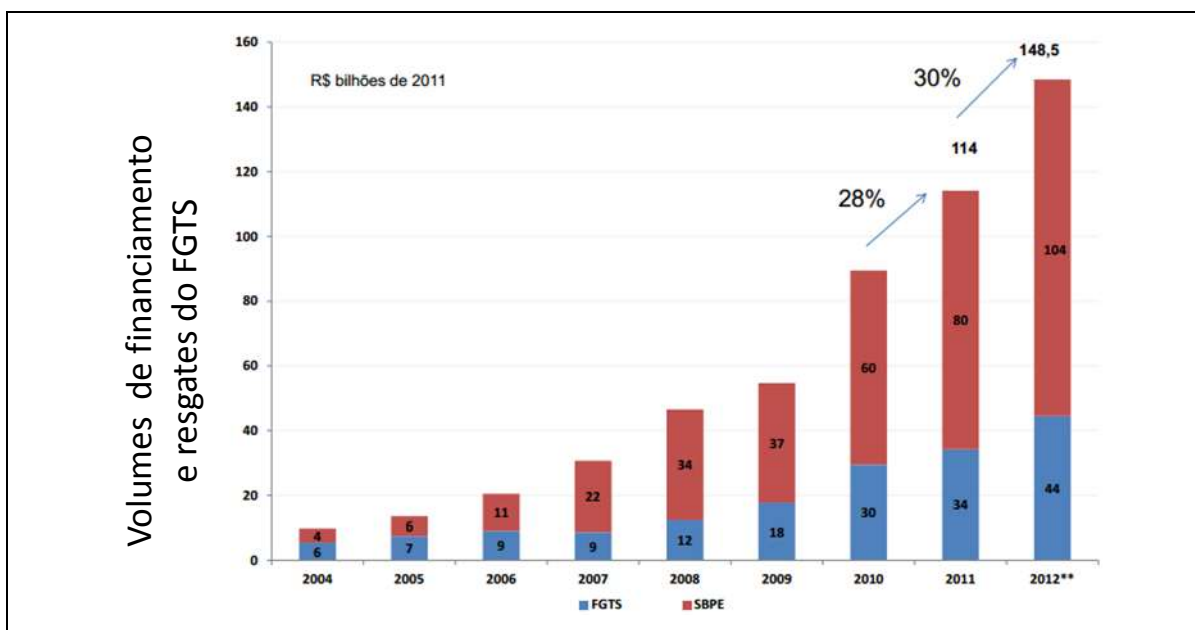


Figura 3 – Crédito habitacional FGTS: Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e SBPE: Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo
Fonte: SINDUSCON (2012)

A confiança dos agentes econômicos gerada pela situação de quase pleno emprego, conforme descrito por alguns economistas (BEVERIDGE, 1944; PRONI, 2012), aumenta o interesse na contratação de novos empréstimos, ainda que muitos desses empregos sejam

gerados na informalidade. O nível de 4% é reconhecido como pleno emprego pelos economistas.



Figura 4 – Gráfico da Taxa de Desemprego no Brasil de 2003 a 2012
Fonte: IBGE (2013)

As políticas de crédito dos bancos podem ser classificadas como instáveis, como vemos nos gráficos da Figura 5. Oscilações podem trazer mais incerteza para os endividados e impactar estresse financeiro.

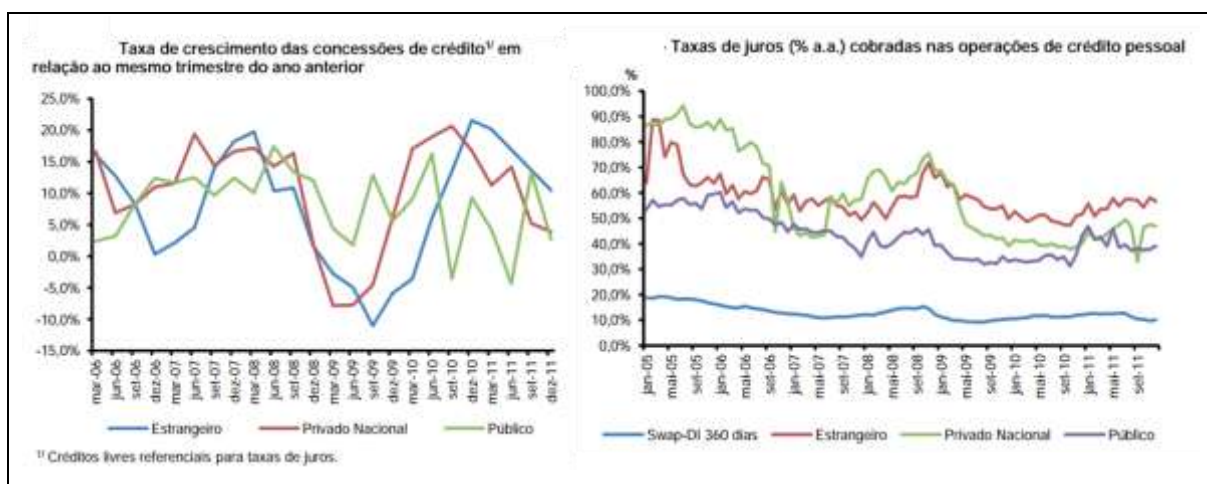


Figura 5 - Gráfico da esquerda apresenta variações nas concessões de crédito e o da direita, juros cobrados
Fonte: Banco Central do Brasil (2011b)

De acordo com DEBELLE (2004), o aumento da flexibilidade na concessão do

crédito e a redução nos juros estão associados ao superendividamento (*over-indebthness*). Se o mesmo crédito estiver sujeito a uma instabilidade nas políticas de concessão pelos bancos, que ora são expansionistas e ora são retracionistas, o conjunto dos fatores (superendividamento e oscilação na oferta de crédito) pode ser prejudicial ao planejamento financeiro dos agentes econômicos. O estudo do BIS (DEBELLE, 2004) fala claramente que o aumento do endividamento eleva a sensibilidade das famílias a mudanças nas taxas de juros, renda e preços de ativos.

Essa instabilidade na oferta pode vir de medidas governamentais e atuação de bancos públicos na competição pelo crédito das famílias. Algumas medidas recentes acirraram essa competição, como as que permitem a portabilidade do crédito (marco regulatório: Lei n. 12.703, 2012), ou seja, o devedor pode pedir para mudar de banco se encontrar melhores condições na concorrência. Uma parte dessa instabilidade também vem da pouca experiência dos bancos diante do novo marco regulatório.

Houve também mudanças na rede de proteção social nos últimos anos: o orçamento do Governo Federal tem sido mais comprometido com políticas inclusivas de distribuição de renda, com bolsas para determinadas camadas da população e reduções de impostos em determinados setores em detrimento da previdência social, que vem sofrendo reformas consecutivas para que possa manter seu déficit em níveis razoáveis (CAMARGO, 2004).

1.2 Levantamento Bibliográfico

Os artigos mais próximos ao objetivo deste estudo foram conduzidos por Prawitz et al., (2006) e Courchane e Zorn (2005). O primeiro artigo trata da Escala IFDFW (*InCharge Financial Distress/ Financial Well Being Scale*) que serve de base para as análises de estresse financeiro deste trabalho, compondo as perguntas subjetivas associadas ao tema. O segundo ilustra por meio de um esquema de causa e efeito o estresse financeiro e outros fenômenos associados a finanças pessoais.

Complementarmente a esses estudos, foi conduzida uma pesquisa sobre o grau de conhecimento sobre finanças pessoais (*Financial Literacy*), pela OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (ATKINSON, 2012). Essa pesquisa traz informações sobre a importância de se medir o conhecimento sobre finanças pessoais, que é

definido como uma combinação de fatores como habilidades, atitudes e comportamentos necessários para tomar boas decisões financeiras e alcançar o bem-estar financeiro individual. Parte das perguntas da pesquisa da OCDE foi utilizada no questionário que nós aplicamos.

Os governos e organismos multilaterais foram os primeiros a tratar do tema bem-estar financeiro individual (ATKINSON, 2012), especialmente nos materiais sobre educação financeira e seus impactos na formação de poupança de longo prazo das pessoas e dos países. A origem do interesse desses organismos e dos governos no bem-estar financeiro individual vem de estudos econômicos anteriores que permitiram medir a saúde financeira de um país a partir da capacidade de poupança de longo prazo dos seus agentes econômicos. Os estudos identificaram também uma menor vulnerabilidade dos países a crises e menores juros básicos para financiar as dívidas dos governos e das empresas, quanto maior a capacidade de poupança (SLINGENBERG; HAAN, 2011).

Além da preocupação com o bem-estar financeiro individual, os governos preocupam-se também com o próprio estresse de seu sistema financeiro. Segundo a definição do Banco Central Europeu, “estresse financeiro é uma interrupção do funcionamento normal do sistema financeiro” (ECB, 2009). O estresse financeiro está associado a um aumento da incerteza com relação aos valores dos ativos, aumento da incerteza em relação ao comportamento de outros investidores, aumento da assimetria informacional, redução no interesse em possuir ativos de risco ou ilíquidos (HAKKIO; KEETON, 2009).

De acordo com Slingenberg e Haan (2011), em um trabalho sobre estresse financeiro dos países, que considerou 13 países e mais de 30 variáveis, o único fator preditivo do estresse financeiro é o crescimento do crédito para pessoas físicas e jurídicas. Veremos mais à frente que esse indicador pode ser, portanto, uma intersecção entre os dois estresses financeiros, o das economias e o das pessoas, pois de acordo com Courchane e Zorn (2005), o endividamento das pessoas pode estar associado ao estresse financeiro da economia como um todo, ainda que o artigo não cite relação causal entre as variáveis.

Outra preocupação dos governos é o déficit com a previdência social. Conforme citado anteriormente, o governo vem reduzindo os benefícios para os aposentados dos setores público e privado, aumentando o período de acumulação necessário, penalizando a aposentadoria antecipada e estimulando as pessoas a construírem suas próprias reservas de aposentadoria por meio de instrumentos privados de poupança (CAMARGO, 2004).

Para tanto, o governo vem dando sinais, por meio de seus representantes no âmbito financeiro (no Brasil – Coremec: Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados de Capitais, formado por Susep, Previc, Bacen e CVM), de que, para fortalecer a cidadania, é

necessária a criação de uma Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)¹.



Figura 6 - A inclusão financeira e o desenvolvimento econômico
Fonte: Banco Central do Brasil (2011a).

Na Figura 6, vemos uma pequena amostra da importância dada pelo Banco Central do Brasil (2011a) em seus estudos que visam o desenvolvimento econômico do país por meio de inclusão financeira adequada. Os projetos objetivam o desenvolvimento econômico por meio de mais orientação financeira, para que mais poupança seja formada. A Figura apresenta o ciclo virtuoso da inclusão financeira, levando ao maior desenvolvimento econômico por meio de diversos mecanismos apresentados. O desenvolvimento econômico, por sua vez, leva à maior adequação financeira da população.

O portal de educação financeira da OCDE (OECD, 2006) pretende ser um local de discussão acadêmica e governamental entre seus membros, com o compartilhamento de programas implantados e em andamento, seus sucessos e fracassos.

Se acompanharmos a evolução dessa página nos últimos anos, veremos que, após a crise econômica mundial iniciada entre 2007/2008, esses conteúdos ganharam corpo e transformaram-se em “princípios”, com recomendações diretas de boas práticas ao G20 (os vinte países mais ricos do mundo) para que invistam na educação financeira e aumentem a estabilidade financeira dos mercados financeiros.

O departamento de comércio e indústria inglês elaborou relatórios sobre o superendividamento naquele país (DTI, 2006), que citam claramente as consequências dessa atitude sobre a vida prática das pessoas: “O sobre-endividamento pode ser muito prejudicial.

¹ Instituída em 22 de dezembro de 2010, pelo Decreto nº. 7.397.

Ele contribui para a pobreza, para a exclusão social e financeira e tem sido associado a doenças físicas e mentais”.

Tabela 1: Sobre-endividamento na Grã-Bretanha

Efeitos das dificuldades financeiras	Todos em dificuldade financeira	Em dificuldade financeira, sem atrasos	Com contas atrasadas
Estresse/ansiedade	23%	24%	22%
Falta de dinheiro	14%	18%	11%
Incapaz de arcar com bens não-essenciais	11%	14%	10%
Efeitos adversos nos relacionamentos	8%	9%	7%
Efeitos adversos na saúde mental	8%	8%	8%
Inabilidade para arcar com bens essenciais	7%	8%	7%
Tristeza/ raiva	4%	5%	4%
Efeitos adversos na saúde física	2%	4%	2%
Nenhum efeito	24%	17%	27%
Base	324	115	209

Fonte: Kempson (2002)

A Tabela 1 compara os efeitos das dificuldades financeiras sobre diversas variáveis sociais. Há uma contribuição efetiva do estresse financeiro sobre a qualidade de vida dos indivíduos.

O efeito predominante das dificuldades financeiras, de acordo com esse estudo (Tabela 1), é o estresse e a ansiedade (KEMPSON, 2002).

Outros trabalhos importantes foram desenvolvidos com o patrocínio e colaboração dos *Federal Reserve* (representantes do Banco Central) estaduais americanos ou das agências de fomento de crédito, que analisaram os aspectos sociais, econômicos e/ou comportamentais do estresse financeiro e da ausência de educação financeira. Dentre os artigos já citados, consideramos Courchane e Zorn (2005) o mais rico para análise do tema.

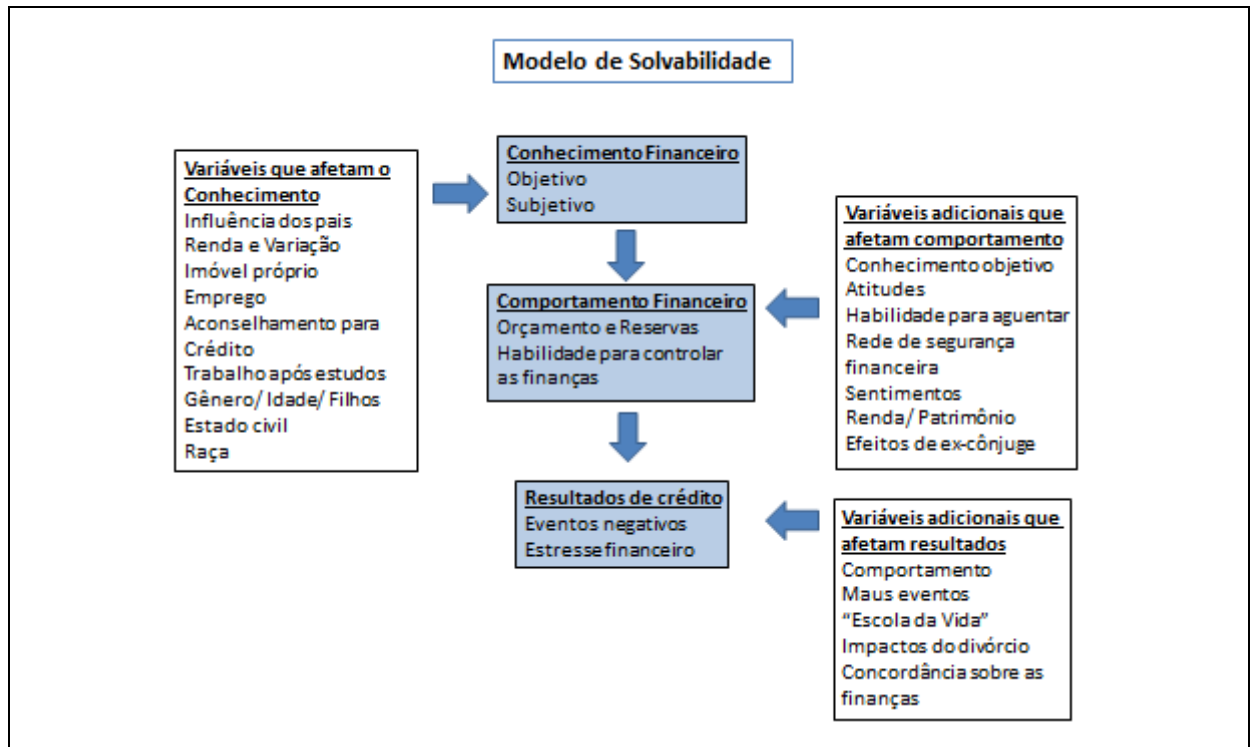


Figura 7: Modelo de Solvabilidade

Nota: “Solvabilidade” é a tradução direta de *creditworthiness*. Também pode ser traduzido por “solidez financeira”.

Fonte: Adaptado e traduzido de Courchane e Zorn (2005).

Courchane e Zorn (2005) esquematizaram o fluxo mais relevante em seu modelo de solvabilidade ou solidez financeira: conhecimentos, que levam a comportamentos, que por sua vez levam a resultados de crédito (Figura 7).

Os dados para o trabalho de Courchane e Zorn (2005) vieram de três fontes: uma pesquisa sobre consumo de produtos de crédito, uma pesquisa sobre dados demográficos, e uma pesquisa sobre dados individuais de crédito da Experian (empresa de serviços de crédito global, com sede na Irlanda). A análise abrange mais de 12 mil pessoas com idades entre 20 e 40 anos e renda inferior a 75 mil dólares anuais. A partir de estudos com regressão múltipla, os autores explicaram as relações entre causa e efeito de cada um dos blocos: uma lista de variáveis que afetam “conhecimentos”; estes, por sua vez afetam “comportamentos”; complementarmente ao impacto de “conhecimentos” sobre “comportamentos”, há outros fatores chamados de “Variáveis adicionais”. “Comportamento financeiro” foi identificado como um dos determinantes dos “Resultados de Crédito”, mas há outros fatores impactando esse último, chamadas “Variáveis adicionais que afetam resultado”.

A pesquisa de Courchane e Zorn (2005) teve continuidade em anos subsequentes, com bases de dados do Freddie Mac, agência americana de crédito imobiliário. Os resultados

obtidos com a expansão da amostra foram similares aos previamente publicados.

Nosso tema principal, estresse financeiro, é citado como um resultante do crédito contraído. O nosso trabalho trata de alguns indicadores citados por Courchane e Zorn (2005) no diagrama (Figura 7), endereçados na pesquisa quantitativa (questionário APÊNDICE A).

1.3 A escala de estresse IFDFW

O artigo de Prawitz et al. (2006) propôs a escala de estresse financeiro IFDFW (*InCharge Financial Distress/ Financial Well Being Scale*). Esta escala foi projetada para medir o fenômeno do estresse financeiro, apresentando respostas aos estados financeiros em um contínuo que vai desde “uma esmagadora aflição financeira” (menor nível de bem-estar financeiro) até “nenhuma aflição financeira” (mais alto nível de bem-estar financeiro). O estudo foi feito usando a metodologia Delphi, que consiste em diversas rodadas de perguntas em um grupo de respondentes até atingir uma estabilidade das médias. É um método lento, mas que permite maior precisão nos resultados. O artigo apresenta os critérios de validade e testes, análise fatorial, instruções de administração, normatização dos dados, pontuação da interpretação, e implicações para a utilização. Veremos mais detalhes sobre a Escala IFDFW (Prawitz et al., 2006) nas seções seguintes.

2 AMOSTRA E METODOLOGIA

A amostra analisada é composta por profissionais que atuam principalmente em São Paulo, com diversas origens, históricos escolares, parentais, áreas de atuação, entre outros. Foram convidados a responder a pesquisa os membros do IBCPF (Instituto Brasileiro de Certificação de Profissionais Financeiros – em torno de 1100 pessoas) e os mestrandos das turmas do MPA-FGV (Mestrado Profissional de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas) de 2011 e 2012, além de alguns colegas do ambiente de trabalho do autor. Não houve nenhum tipo de limitação entre as categorias de profissionais nem foram eliminados respondentes por conta de sua área de atuação.

A metodologia utilizada no estudo foi a hipotético-dedutiva. Essa metodologia, muito utilizada nas Ciências Sociais, é considerada válida quando o conhecimento é insuficiente para explicar um fenômeno e assim surge o problema. Para expressar as razões do problema são formuladas hipóteses que são testadas. Após os testes podemos aceitar ou refutar as hipóteses e das hipóteses refutadas surgem novos problemas, reiniciando o ciclo da pesquisa (GIL, 1994).

2.1 Forma de Abordagem – Pesquisa Quantitativa

Ainda que o estresse financeiro seja um assunto subjetivo com uma carga muito grande de percepção individual sobre o que é ou não estressante para cada indivíduo, foi escolhida a análise quantitativa, com questionário autoadministrado via internet. Nosso interesse foi o de levantar informações quantificáveis para que surgissem perguntas a serem respondidas em uma eventual análise qualitativa em trabalhos futuros.

Do ponto de vista dos objetivos, nossa metodologia foi a da pesquisa descritiva, pois buscamos descrever as características de cada grupo e relacioná-los utilizando a escala de estresse proposta por Prawitz et al. (2006), o IFDFW. Foi feita a análise da correlação entre as variáveis independentes e a escala IFDFW.

O convite para responder à pesquisa foi feito por correio eletrônico e não exigiu identificação dos respondentes. Os formulários ficaram hospedados na página de pesquisa “Google Forms” (ferramenta gratuita, oferecida pelo site do Google, que permite preparar e

disponibilizar formulários para pesquisas online), durante os meses de Agosto e Setembro de 2013. A resposta dos profissionais foi facultativa.

No questionário aplicado, haviam seis perguntas por autorrelato que forneceram uma pontuação e representaram a combinação das respostas aos indicadores medidos. O objetivo foi mensurar a percepção do respondente a respeito das suas dificuldades financeiras / bem-estar financeiro.

Tratamos as seis questões de estresse financeiro (bloco IFDFW, Prawitz et al., 2006) como uma única variável dependente. Complementar às seis questões, exploramos nas outras 12 questões as variáveis demográficas e independentes. A escala IFDFW (Prawitz et al., 2006) é obtida a partir da média aritmética simples das respostas obtidas de cada pesquisado, já que todas as respostas variam de 1 a 10. A partir deste resultado, interpretamos os dados usando as variáveis dos quadros 1 e 2.

Um cuidado importante foi tomado ao colhermos as respostas de cada bloco: o nível do estresse do respondente foi coletado antes do bloco de variáveis independentes. Isso porque as perguntas sobre variáveis independentes poderiam influenciar o nível de estresse financeiro do indivíduo. Perguntas sobre volume de dívidas, eventos negativos recentes, entre outras, poderiam influenciar as respostas ao bloco IFDFW (Prawitz et al., 2006).

Terminologia descritiva para interpretação da Escala IFDFW

- 1.0 dificuldade financeira esmagadora / menor nível de bem-estar financeiro
- 2.0 dificuldade financeira extremamente alta / baixíssimo nível de bem-estar financeiro
- 3.0 dificuldade financeira muito alta / péssimo nível de bem-estar financeiro
- 4.0 dificuldade financeira alta / baixo nível de bem-estar financeiro
- 5.0 dificuldade financeira média / médio nível de bem-estar financeiro
- 6.0 dificuldade financeira moderada / moderado nível de bem-estar financeiro
- 7.0 dificuldade financeira baixa / bom nível de bem-estar financeiro
- 8.0 dificuldade financeira muito baixa / muito bom nível de bem-estar financeiro
- 9.0 dificuldade financeira extremamente baixo / altíssimo nível de bem-estar financeiro
- 10.0 Sem dificuldades financeiras / maior nível de bem-estar financeiro

Quadro 1: Terminologia descritiva para interpretação da Escala IFDFW
Fonte: traduzida e adaptada do artigo de Prawitz et al. (2006).

Lista de variáveis abordadas nesta pesquisa

Questões	Literatura
Estresse financeiro (Escala IFDFW): questões de 1 a 7 (variável dependente)	Prawitz et al.
Organização financeira dos pais: questão 8	Courchane e Zorn
Renda: fontes, variabilidade, risco de perder o emprego: questões 9, 10 e 11	Courchane e Zorn
Finanças pessoais: conhecimento e controle: questão 12	Mandell
Eventos que trazem impacto na vida financeira: questão 13	Courchane e Zorn
Estoques de investimento e dívidas: questões 14 e 15	Courchane e Zorn
Demográficas: Idade, Sexo, Escolaridade: questões 16 a 19	Courchane e Zorn

Quadro 2: Questões utilizadas na pesquisa e a respectiva origem na literatura
 Fontes: Courchane e Zorn (2005), Prawitz et al. (2006), e Mandell (2009)

3 RESULTADOS

Obtivemos 130 respostas: 84% dos respondentes foram CFPs (109 respondentes) e 16% possuíam outras atividades/ profissões/ áreas de atuação (21 respondentes). Trata-se de um grupo relativamente homogêneo, com indicadores muito diferentes da média da população brasileira, mesmo considerando as diferentes áreas de atuação dos públicos (CFPs e outras profissões).

Os dois grupos analisados são similares nas variáveis idade, escolaridade, variabilidade da renda e ocorrência de eventos negativos nos últimos dois anos (Tabela 2). A similaridade entre os grupos é menor nos itens conhecimento declarado, renda, estresse financeiro e na capacidade de investir e se endividar dos dois grupos – estas últimas bastante diferentes entre os grupos (Tabela 2).

Tabela 2 – Médias das variáveis obtidas na pesquisa

Médias das variáveis	CFPs	Outros	Total
Eventos negativos	0,42	0,43	0,42
Escolaridade	2,82	2,67	2,79
idade	37,65	34,57	37,15
Variabilidade Salario	2,41	2,05	2,35
Pais	2,54	3,00	2,60
Estresse	7,63	5,98	7,36
demissao em 6 meses	1,09	1,33	1,15
Sexo (M = 1; F = 0)	0,74	0,57	0,72
Renda	3,64	2,62	3,48
Conhecimento declarado	3,51	2,00	3,27
Investimentos	24,43	7,68	22,13
Dívidas	7,69	2,39	7,04
Diferença Inv e Div	10,82	1,65	9,92

A tabela acima (Tabela 2) compara as amostras dos dois grupos profissionais (CFPs e não CFPs), mas não permite uma leitura de cada variável individualmente. Os dados correspondem à média do fator identificado em cada pergunta. Por exemplo: a questão sobre eventos negativos foi categorizada como “zero” para nenhum evento negativo nos últimos dois anos e “um” para qualquer evento negativo nesse mesmo período. A leitura das médias nos mostra que ao redor de 40% dos respondentes tiveram eventos negativos nesse período (em ambos os grupos). O mesmo vale para escolaridade: foram apresentadas três faixas aos respondentes e em ambos os grupos identificamos uma média entre a segunda faixa (Ensino

Superior) e a terceira faixa (Pós-graduação).

Tabela 3: Correlações entre estresse de cada grupo e as variáveis independentes

Correlações	Estresse todos (130 respondentes)	Estresse CFPs (109 respondentes)	Estresse Outros (21 respondentes)
Dividas	-0,153	-0,230	-0,830
Variabilidade da Renda	-0,194	-0,223	-0,383
Conhecimento de finanças	0,312	0,409	-0,288
Sexo	0,063	0,047	-0,096
Demissao em 6 meses	-0,017	-0,163	-0,081
Eventos negativos	-0,199	-0,259	-0,060
Organização financeira dos Pais	-0,171	-0,156	-0,021
Idade	0,154	0,147	0,005
Investimentos	0,231	0,210	0,174
Renda	0,354	0,289	0,177
Diferença Investimentos e Dívidas	0,362	0,375	0,180
Nenhum evento	0,256	0,273	0,274
Escolaridade	0,204	0,112	0,308

Destacamos acima a maior correlação de cada grupo para fazermos uma análise comparativa entre eles.

	Hipótese	Correlação observada	Resultado
Eventos negativos	↓	↓	✓
Escolaridade	↑	↑	✓
Idade	↑	Nulo	✗
Variabilidade renda	↓	↓	✓
Organização dos Pais	↑	↓	✗
Demissao em 6 meses	↓	Nulo	✗
Sexo	Nulo	Nulo	✓
Renda	↑	↑	✓
Conhecimento declarado	↑	Diferença entre grupos	✗
Investimentos	↑	↑	✓
Dividas	↓	↓	✓
Diferença Inv e Div	↑	↑	✓

Legenda:

- ↑ Correlação positiva: quanto maior a variável, maior o bem-estar financeiro do indivíduo
- ↓ Correlação negativa: quanto maior a variável, menor o bem-estar financeiro do indivíduo
- ✓ Hipótese validada na análise dos dados
- ✗ Hipótese não validada na análise dos dados. Fonte: pesquisa do autor.

Quadro 3 – Comparação entre a hipótese levantada previamente e as correlações observadas entre estresse e as variáveis independentes

As variáveis destacadas na matriz de correlações (Tabela 3 e Quadro 3; Figura 8), analisadas em detalhe, nos revelam alguns fatores, explicados a seguir.

3.1 Dívidas

Identificamos a maior correlação com o estresse financeiro no nosso estudo com endividamento pessoal (Tabela 3). Ela ocorre no grupo de profissionais que não é especializado em finanças pessoais. A leitura que podemos fazer é que para essa amostra pesquisada, quanto maior o volume de dívidas (em meses de salário), maior o estresse financeiro. Ao compararmos a correlação entre os grupos, identificamos que o endividamento é muito menor entre os CFPs (Tabela 3). A explicação pode estar em muitos fatores, como por exemplo um maior conhecimento entre os CFPs sobre sua capacidade de saldar suas dívidas, ou ainda de que seus investimentos podem servir para saldar suas dívidas. Não podemos afirmar com certeza, mas há uma hipótese de que a variável “Dívidas” pode causar mais estresse financeiro entre os outros profissionais do que entre os CFPs.

3.2 Conhecimento declarado sobre finanças pessoais

Nossa expectativa era uma correlação positiva entre baixos índices de estresse financeiro e alto conhecimento e controle das finanças pessoais. Podemos observar diferenças importantes na correlação entre estresse e conhecimento: 0,409 entre os CFPs, ou seja, quanto maior o conhecimento declarado sobre finanças pessoais e a vida financeira, menor o estresse financeiro nesse grupo. No entanto, entre os outros profissionais essa correlação é negativa: -0,288. Ou seja, o estresse não se reduz nesse grupo quando acrescentamos graus de conhecimento sobre finanças, mas na realidade, ele é aumentado.

Mais de 85% dos pesquisados leem a respeito e gostam de pesquisar sobre finanças. Aqui encontramos uma diferença importante entre os públicos analisados: os CFPs concentram a maior parte dos conhecedores de finanças pessoais, o que é esperado se pensarmos na formação e foco de atuação dessa parcela dos pesquisados.

Tabela 4 – Resultado da pergunta sobre conhecimento sobre finanças em cada grupo

Qual seu grau de conhecimento sobre Finanças Pessoais e sua vida financeira?	CFPs	% de CFPs	Outros	% de Outros	Total	% do Total
Nunca me informei a respeito e não tenho nenhum controle	0	0,00%	3	13,64%	3	2,30%
Já li a respeito e tentei controlar minhas contas, mas desisti	0	0,00%	16	77,27%	16	12,30%
Sempre leio a respeito e gosto de controlar minhas finanças	53	48,62%	1	4,55%	54	41,50%
Sou expert em Finanças Pessoais - aconselho as pessoas a respeito. Centralizo o controle do orçamento da minha casa.	56	51,38%	1	4,55%	57	43,80%
Total	109	100%	21	100%	130	100%

A pergunta sobre conhecimento de finanças pessoais e vida financeira permitiu ao respondente fazer uma autoavaliação e escolher entre quatro alternativas. A maioria (85% do total), se autodescreveu conhecedor do assunto, mas houve respondentes nos quatro níveis (Tabela 4). A nota média foi de 3,51 entre os CFPs e 2,00 entre os outros profissionais (em uma escala de 1 a 4 nas perguntas acima, onde 1 é “Nunca me informei a respeito” e 4 é “Sou *expert* em Finanças”).

Alguns estudos mostram que a educação financeira e conhecimento sobre finanças pessoais estão positivamente relacionados a um comportamento financeiro adequado. Mandell (2009) observou que alunos do ensino médio com maiores níveis de educação financeira eram menos sujeitos do que seus colegas a ter um cheque devolvido e tinham contas mais equilibradas.

Já Klontz (2009) destaca em seu livro sobre “doenças do dinheiro”, que “informação não é suficiente”. Sua explicação é que o tema finanças pessoais é razoavelmente simples e bastante explorado pelos meios de comunicação nos Estados Unidos. Ainda assim, o tema “Dinheiro” continua sendo a maior causa de estresse entre os americanos, segundo pesquisa anual da APA-*American Psychological Association* (2012), previamente citada. Sua hipótese é que se trata de um problema individual que não se resolve com mais conhecimento ou informação por parte do indivíduo estressado. Segundo o autor, as crenças das pessoas com relação ao dinheiro se desenvolvem na infância, passam de geração para geração dentro de sua família, e são um fator preponderante para determinar o comportamento financeiro dos indivíduos. Trata-se, de uma questão de autoconhecimento mais do que uma questão de conhecimento técnico, de acordo com esse autor.

3.3 Diferença entre Investimentos e Dívidas

No conjunto total de 130 pesquisados, a maior correlação com o estresse financeiro entre as variáveis independentes foi com essa variável (destaque na segunda coluna da Tabela 3). A análise da variável “Investimentos” traz apenas uma parte da vida financeira do indivíduo, assim como a variável “Dívidas”. No entanto, a diferença entre essas duas variáveis mostra um pouco mais da vulnerabilidade do respondente, independente da renda. Se, por exemplo, algum respondente responder “3” nessa pergunta, significa que ele tem uma “sobrevida” de 3 meses sem auferir nenhuma renda (partindo da premissa de que as pessoas sobrevivem ao longo de um mês com exatamente uma unidade de renda mensal, seja salário, pró-labore, etc.).

Diante dessa descrição, parece razoável prever uma correlação positiva entre baixo estresse financeiro, com balanços positivos entre Investimentos e Dívidas (notas altas). No entanto, vemos uma baixa correlação geral (0,362) e uma correlação pouco maior entre os CFPs (0,375), o que contraria nossa hipótese inicial de que, sendo conhecedores dos fatores de vulnerabilidade financeira, esses profissionais dariam maior peso a essa variável na sua auto-avaliação de estresse financeiro.

3.4 Escolaridade

Praticamente todos os respondentes (99%) tem ensino superior completo e 80% tem pós-graduação. Não há diferenças importantes entre CFPs e outros.

Tabela 5: Dados desta pesquisa comparados com os dados do Censo 2010

ESCOLARIDADE	IBGE	
	Censo 2010*	Público pesquisado
Sem instrução e fundamental incompleto	41,0%	0,0%
Fundamental completo e médio incompleto	16,2%	0,0%
Médio completo e superior incompleto	27,2%	0,8%
Superior completo	15,1%	99,2%
Não determinado	0,4%	0,0%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Fonte: pesquisa do autor e IBGE, Censo Demográfico (2010). Distribuição das pessoas de 25 anos ou mais de idade no Estado de São Paulo.

Essa questão proposta (escolaridade) não está explicitamente apresentada em nenhum dos dois trabalhos principais citados (COURCHANE; ZORN, 2005; PRAWITZ et al., 2006). Acreditávamos que, mesmo havendo uma miríade de cursos e campos de estudo, alta escolaridade estaria associada a baixo nível de estresse financeiro.

A correlação foi positiva mas baixa (Tabela 3), não permitindo chegarmos a conclusões firmes sobre a relação entre essas variáveis.

3.5 Renda

Mais da metade dos pesquisados ganha R\$ 130 mil anuais ou mais (algo em torno de 16 salários mínimos mensais em 2013). Segundo o Censo 2010 do IBGE (Tabela 5), a renda média do grupo 1% mais rico no Brasil era de R\$ 198 mil anuais (27,6% dos pesquisados ganham mais do que isso). Estamos, portanto, ouvindo uma parcela da elite econômica do país.

A renda média dos grupos é próxima, com alguma vantagem para o grupo dos CFPs. Entretanto, a distribuição entre as faixas é bem desigual, conforme a tabela abaixo (Tabela 6):

Tabela 6 - Resultado da pergunta sobre renda mensal de cada grupo separado em porcentagem respondida em cada categoria

Qual a sua renda anual?	CFPs	% de CFPs	Outros	% de Outros	Total	% do Total
Nenhuma	7	6,42%	2	9,52%	9	6,92%
Menor que R\$ 60 mil	15	13,76%	9	42,86%	24	18,46%
Entre R\$ 60 e R\$ 130 mil	24	22,02%	6	28,57%	30	23,08%
Entre R\$ 130 e R\$ 200 mil	27	24,77%	3	14,29%	30	23,08%
Maior que R\$ 200 mil	36	33,03%	1	4,76%	37	28,46%
Total	109	100%	21	100%	130	100%

Em ambos os grupos identificamos correlação positiva entre o nível de renda e o bem-estar financeiro (Tabela 3). É importante lembrarmos que se trata de uma percepção do respondente e que mesmo que acreditemos que “ganhar bem” não traga nenhuma garantia de tranquilidade financeira, é assim que podemos entender os dados desta correlação.

Tabela 7 – Renda mensal entre os CFPs e a média de estresse em cada faixa de renda

Qual a sua renda anual?	CFPs	% de CFPs	Estresse médio
Nenhuma	7	6,42%	6,9
Menor que R\$ 60 mil	15	13,76%	7,0
Entre R\$ 60 e R\$ 130 mil	24	22,02%	7,5
Entre R\$ 130 e R\$ 200 mil	27	24,77%	7,5
Maior que R\$ 200 mil	36	33,03%	8,2
Total	109	100%	7,6

Analisando o grupo dos CFPs, vemos o nível de bem-estar financeiro crescendo de acordo com o crescimento da renda (Tabela 7).

Tabela 8 - Renda mensal entre os outros profissionais (não CFPs) e a média de estresse em cada faixa

Qual a sua renda anual?	Outros	% de Outros	Estresse médio
Nenhuma	2	9,52%	3,7
Menor que R\$ 60 mil	9	42,86%	6,3
Entre R\$ 60 e R\$ 130 mil	6	28,57%	5,8
Entre R\$ 130 e R\$ 200 mil	3	14,29%	7,3
Maior que R\$ 200 mil	1	4,76%	4,7
Total	21	100%	6,0

No outro grupo, não há uma relação tão direta: há faixas de renda que se elevam e em que vemos redução do bem-estar financeiro (Tabela 8). Esse resultado pode ter surgido devido à amostra pequena ou porque esse fator realmente não é correlacionado com o nível de estresse financeiro dos indivíduos. Podemos observar que em nenhuma faixa de renda o grupo dos CFPs é superado pelo grupo “Outros” no nível de bem-estar financeiro.

3.6 Eventos negativos

Chamamos de eventos negativos todos os eventos que tiveram impacto negativo nas finanças do indivíduo nos últimos dois anos. Estão entre eles: demissão, falência de empresa, processo judicial com impacto negativo nas finanças, entre outros. Inserimos essa variável na análise considerando “1” para respostas contendo eventos negativos nos últimos dois anos e “0” para eventos positivos ou nenhum evento (esta última foi a resposta mais frequente: mais da metade dos respondentes não teve nenhum evento com impacto no orçamento nos últimos dois anos).

Vemos que há uma correlação negativa entre as variáveis (Tabelas 3 e 9). Ou seja, esses eventos impactaram o nível de bem-estar financeiro dos indivíduos negativamente.

Tabela 9 - Resultado da pergunta sobre eventos negativos ocorridos nos últimos dois anos de vida dos entrevistados e a média de estresse em cada uma das categorias

Eventos negativos	CFPs	% de CFPs	Estresse médio	Outros	% de Outros	Estresse médio
Nenhum evento	63	57,80%	7,9	12	57,14%	6,1
Algum evento negativo	46	42,20%	7,2	9	42,86%	5,8
Total	109	100%	7,6	21	100%	6,0

A correlação negativa entre a ocorrência de eventos desse tipo e o estresse financeiro fica clara quando analisamos a Tabela 9. Dentre os CFPs que não tiveram nenhum evento negativo nos últimos dois anos, a média de bem-estar é de 7,9, maior que a média observada entre os que tiveram algum evento negativo. O mesmo se repete entre os outros profissionais, mas numa escala menor.

Explorando esse indicador cuidadosamente, selecionamos apenas os resultados dos respondentes que citaram o evento “Demissão”. 21% dos respondentes citaram esse evento nos dois anos anteriores à pesquisa. A correlação foi de -0,215: maior que a da média

de eventos negativos e, conforme esperado, negativamente correlacionado com bem-estar financeiro.

Analisando apenas os que citaram não ter tido “Nenhum evento com impacto negativo em seu orçamento” nos dois anos anteriores à pesquisa, a correlação passa a ser positiva e mais forte do que as anteriores: 0,256.

A análise de que há grande peso na percepção das pessoas para eventos recentes pode se explicar por um viés cognitivo (ou comportamental) muito comum, que é o Viés da Disponibilidade: costumamos estimar a probabilidade de ocorrência de um determinado evento no futuro nos baseando nas lembranças limitadas que dispomos a respeito do assunto (KAHNEMANN, 2012). Isso pode explicar a correlação entre estresse financeiro e essa variável.

3.7 Fonte de renda

A principal fonte de renda dos respondentes é o salário. 67% tem apenas essa fonte de renda. Outros 24% são empresários. Somando essas duas principais fontes de renda cobrimos 91% da base (Tabela 10).

Tabela 10 - Resultado da pergunta sobre principal fonte de renda entre todos os pesquisados

Qual a sua principal fonte de renda atualmente?	Total	% do Total
Autônomo ou Empresário	31	23,85%
Aposentado	1	0,77%
Assalariado	87	66,92%
Bolsa de estudos	1	0,77%
Não tenho nenhuma atividade remunerada	7	5,38%
Recebo ajuda de pais e/ou parentes	2	1,54%
Não declarou	1	0,77%
Total	130	100%

Buscamos diferenças relevantes na distribuição entre os grupos, mas eles se apresentaram homogêneos nesse quesito. No entanto, o nível de estresse em cada fonte de renda varia bastante (Tabelas 11 e 12).

Tabela 11 - Resultado da pergunta sobre principal fonte de renda entre os CFPs e a média de estresse separada em cada fonte de renda

Qual a sua principal fonte de renda atualmente?	CFPs	% de CFPs	Estresse médio
Autônomo ou Empresário	26	23,85%	7,7
Aposentado	1	0,92%	9,33
Assalariado	75	68,81%	7,7
Bolsa de estudos	0	0,00%	
Não tenho nenhuma atividade remunerada	6	5,50%	6,4
Recebo ajuda de pais e/ou parentes	0	0,00%	
Não declarou	1	0,92%	8,7
Total	109	100%	7,6

Tabela 12 - Resultado da pergunta sobre fonte de renda entre os profissionais não-CFPs e a média de estresse separada em cada fonte de renda

Qual a sua principal fonte de renda atualmente?	Outros	% de Outros	Estresse médio
Autônomo ou Empresário	5	23,81%	6,9
Aposentado	0	0,00%	
Assalariado	12	57,14%	6,2
Bolsa de estudos	1	4,76%	6,0
Não tenho nenhuma atividade remunerada	1	4,76%	3,8
Recebo ajuda de pais e/ou parentes	2	9,52%	3,2
Não declarou	0	0,00%	
Total	21	100%	6,0

Descartando as fontes de renda com poucas ocorrências, podemos analisar as diferenças entre um assalariado CFP e um assalariado “outros”: há uma diferença importante no estresse financeiro (de 7,7 para 6,2). Essa mesma diferença se vê na média geral entre os grupos (de 7,6 para 6,0).

Diferente das outras variáveis analisadas, fonte de renda não permite cálculo de correlação com estresse financeiro, pois não há uma gradação no risco das fontes de renda.

3.8 Idade

Nossa hipótese inicial era de que haveria correlação positiva entre idade e bem-estar financeiro, pois a gestão dos ativos e passivos está mais definida quanto mais velho

estamos. Isso não significa que há mais dinheiro sobrando na velhice do que na juventude, mas a maturidade poderia trazer uma visão mais realista das possibilidades que o indivíduo possui. E essa maior definição do futuro poderia reduzir a amplitude dos resultados esperados pelo indivíduo.

No entanto, não houve forte correlação entre Idade e Estresse financeiro, ainda que em alguns casos tenha havido uma correlação positiva (Tabela 3: correlação entre idade e estresse foi 0,154 na amostra total e ainda menor nos grupos). A idade média dos 130 respondentes foi de 37 anos (variando de 21 a 68 anos), e não varia muito entre os grupos (CFPs e outros), conforme histograma abaixo:

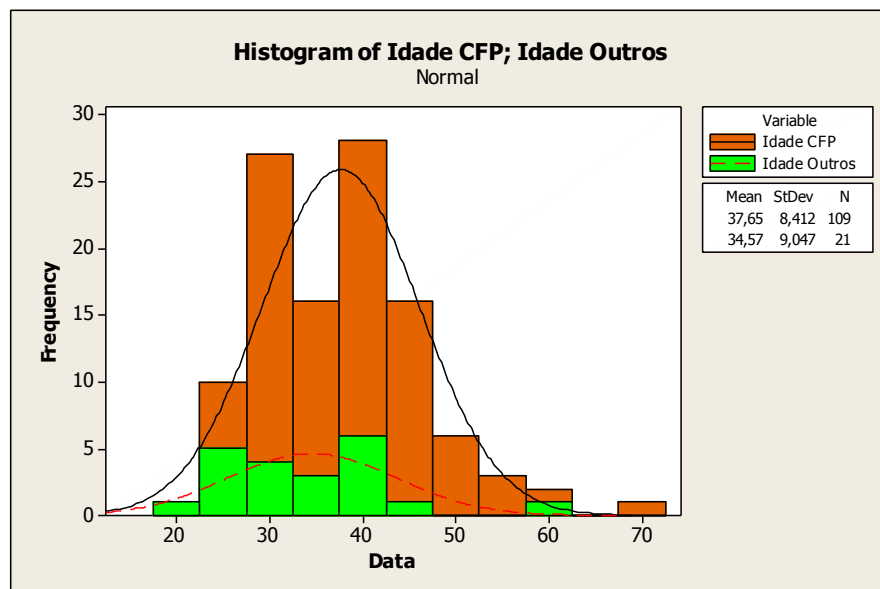


Figura 8 - Distribuição das frequências de idade dos respondentes separados por grupos: CFPs e não-CFPs

3.9 Sexo

Nossa hipótese inicial era de que não haveria diferenças representativas entre os sexos quando analisássemos as correlações com estresse financeiro. Essa hipótese se confirmou, como podemos ver na Tabela 3. A proporção de respondentes totais foi bastante desigual, como podemos ver na tabela abaixo (Tabela 13):

Tabela 13 - Distribuição dos respondentes separados por sexo

Sexo	Respostas	% do Total
Feminino	37	28,50%
Masculino	93	71,50%
Total	130	100,00%

Quando a análise foi feita entre os grupos, vemos maior equilíbrio entre os sexos no grupo de outros profissionais (Tabela 14).

Tabela 14 - Resultado da pergunta sobre sexo e a média de estresse em cada grupo

Sexo	CFPs	% de CFPs	Estresse médio	Outros	% de Outros	Estresse médio
Feminino	28	25,69%	7,5	9	42,86%	6,2
Masculino	81	74,31%	7,7	12	57,14%	5,8
Total	109	100%	7,6	21	100%	6,0

3.10 Organização financeira dos pais

Nossa hipótese era de que parte da organização financeira do indivíduo viria de casa, ou seja, a organização financeira dos pais influenciaria o comportamento do indivíduo. Esperávamos que houvesse correlação positiva entre essas variáveis, ou seja, pais organizados financeiramente teriam filhos menos estressados financeiramente. Surpreendentemente, nos deparamos com o oposto: o estresse financeiro tem correlação negativa com a organização dos pais, ainda que seja uma baixa correlação (Tabelas 3 e 15).

Tabela 15 - Resultado da pergunta sobre organização financeira dos pais e a média de estresse em cada grupo

Durante o período em que você morou com seus pais, como é (ou era) a organização financeira deles?	CFPs	% de CFPs	Estresse médio	Outros	% de Outros	Estresse médio
Não sei/ Não me lembro	1	0,92%	8,0	0	0,00%	
Muito desorganizados	24	22,02%	7,7	3	14,29%	5,3
Às vezes organizados e às vezes desorganizados	24	22,02%	7,5	4	19,05%	7,0
Organizados	40	36,70%	7,4	4	19,05%	5,8
Muito organizados. Faziam controle das finanças domésticas com periodicidade e disciplina	20	18,35%	6,8	10	47,62%	5,9
Total	109	100%	7,6	21	100%	6,0

Possibilidades a serem analisadas diante deste resultado:

1) Organização financeira é diferente de estresse financeiro. Os pais podem ter passado bons exemplos e os respondentes terem se tornado organizados, mas isso não significa que serão menos estressados financeiramente;

2) O indivíduo pode aprender com os erros dos pais e buscar o oposto na sua vida adulta. Ao analisarmos a variável sobre organização financeira do respondente (Apêndice A, questão 11), também identificamos correlação negativa com “Pais”, o que reforça essa possibilidade.

3) Uma outra possibilidade para explicar essa correlação negativa surge na leitura de Frankenberg (1999). Ele afirma que somos dependentes de fatores fisiológicos e psicológicos. O primeiro pode ser alterado ou influenciado, dependendo das escolhas feitas pelo indivíduo. Cada pessoa pode se desenvolver aprender e mudar suas ideias ao longo dos anos. Para exemplificar a complexidade dos fatores psicológicos, Frankenberg (1999) dá o exemplo dos irmãos, que seriam idênticos no comportamento, pois tiveram os mesmos exemplos em casa. Entretanto, os fatores psicológicos os tornam diferentes um do outro.

Certas pessoas que vivenciaram problemas semelhantes na infância, dão grande ou demasiado valor ao dinheiro e à riqueza na vida adulta; outras caminham na direção oposta, transformando-se em grandes gastadores, comprando tudo o que podem, assumindo uma vida exatamente oposta à dos pais. (FRANKENBERG, 1999).

Importante destacar que essa hipótese da influência dos tipos psicológicos não está restrita à análise dessa correlação, mas também na forma como as pessoas encaram todas

as questões financeiras e, por consequência, seu estresse financeiro.

Em estudo recente, a psicóloga clínica brasileira Valéria Meirelles, doutora pela PUC-SP, cita a relevância da participação dos pais na formação financeira do indivíduo. Ela se utilizou de duas escalas em sua pesquisa: a “Dinheiro no Passado e no Futuro” (*Money in the Past and Future Scale – MPFS*) e “Crenças e Comportamentos em Relação ao Uso do Dinheiro” (*Money Beliefs and Behaviour Scale – MBBS*). Este estudo foi mais abrangente do que o nosso, com respostas de 600 participantes. Sua conclusão destaca a importância da família de origem como agente na aprendizagem no uso do dinheiro, mas não faz referência ao estresse financeiro, objeto deste estudo (MEIRELLES, 2012).

3.11 Variabilidade da renda

Nossa hipótese inicial era de que esse indicador teria correlação negativa com estresse financeiro. Ou seja, quanto mais previsível a renda do indivíduo, menos estressado deve se apresentar. Essa hipótese se confirmou, especialmente se considerarmos o grupo de CFPs (Tabela 16).

Tabela 16 - Resultado da pergunta sobre variabilidade da renda e a média de estresse em cada grupo

Sua renda varia ao longo dos meses?	CFPs	% de CFPs	Estresse médio	Outros	% de Outros	Estresse médio
Atualmente não possui nenhum rendimento	6	5,50%	7,6	2	9,52%	6,5
Meu salário é sempre o mesmo	18	16,51%	7,9	12	57,14%	6,2
O salário é o mesmo, mas recebo bonificações anuais ou semestrais	57	52,29%	7,5	3	14,29%	5,0
Minha renda oscila até 30% entre um mês e outro	11	10,09%	7,4	1	4,76%	5,6
Minha renda oscila mais que 30% entre um mês e outro	17	15,60%	6,1	3	14,29%	3,7
Total	109	100%	7,6	21	100%	6,0

Importante destacar que a primeira alternativa “Atualmente não possui nenhum rendimento”, ficou fora das estatísticas para efeito de correlação. Nosso objetivo era identificar se a variabilidade trazia incerteza/ estresse.

3.12 Demissão nos próximos 6 meses

Nossa hipótese inicial era de que esse indicador teria correlação negativa com estresse financeiro. Ou seja, quanto mais instável a carreira do indivíduo, mais estressado deve se apresentar. Essa hipótese se confirmou em parte, pois a correlação do grupo de 130 respondentes foi nula (-0,017). No caso do grupo de CFPs a hipótese se confirmou. Podemos ver os detalhes dessa distribuição na tabela abaixo (Tabela 17).

Tabela 17 - Resultado da pergunta sobre a possibilidade de demissão nos próximos 6 meses e a média de estresse em cada grupo

Se for assalariado, responda: Na sua opinião, qual a probabilidade de você ser demitido nos próximos 6 meses?	CFPs	% de CFPs	Estresse médio	Outros	% de Outros	Estresse médio
Menos de 10% de chance de ocorrer	51	46,79%	7,9	5	23,81%	6,9
Entre 10% e 50% de chance	25	22,94%	7,4	7	33,33%	6,1
Mais que 50% de chance	15	13,76%	7,3	3	14,29%	6,3
Não sou assalariado	18	16,51%	7,5	6	28,57%	4,8
Total	109	100%	7,6	21	100%	6,0

3.13 Comparação dos resultados obtidos com o estudo original (Prawitz et al., 2006)

Os autores do estudo original fizeram uma análise dos resultados em pesquisas conduzidas entre 2004 e 2005. Foram 1.300 entrevistados nos EUA, com critério de representação da população geral americana, e eles identificaram uma distribuição conforme o gráfico a seguir (Figura 9):

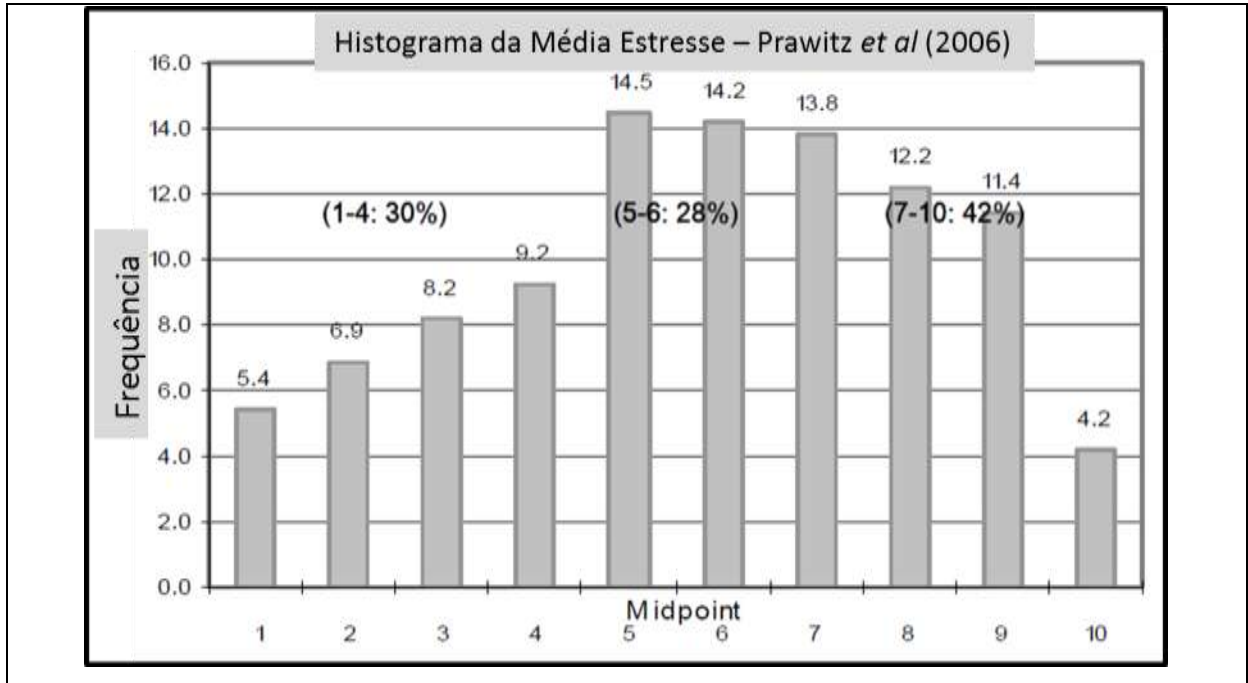


Figura 9 - Distribuição do estresse financeiro no estudo original
Fonte: Prawitz et al. (2006)

A média dos respondentes ficou em 5,7 (dificuldade financeira média ou moderada) e o desvio padrão em 2,4.

No nosso estudo, considerando todas as diferenças de público e concentração em um grupo homogêneo, a média ficou em 7,36 (baixo estresse financeiro), com desvio padrão de 1,643.

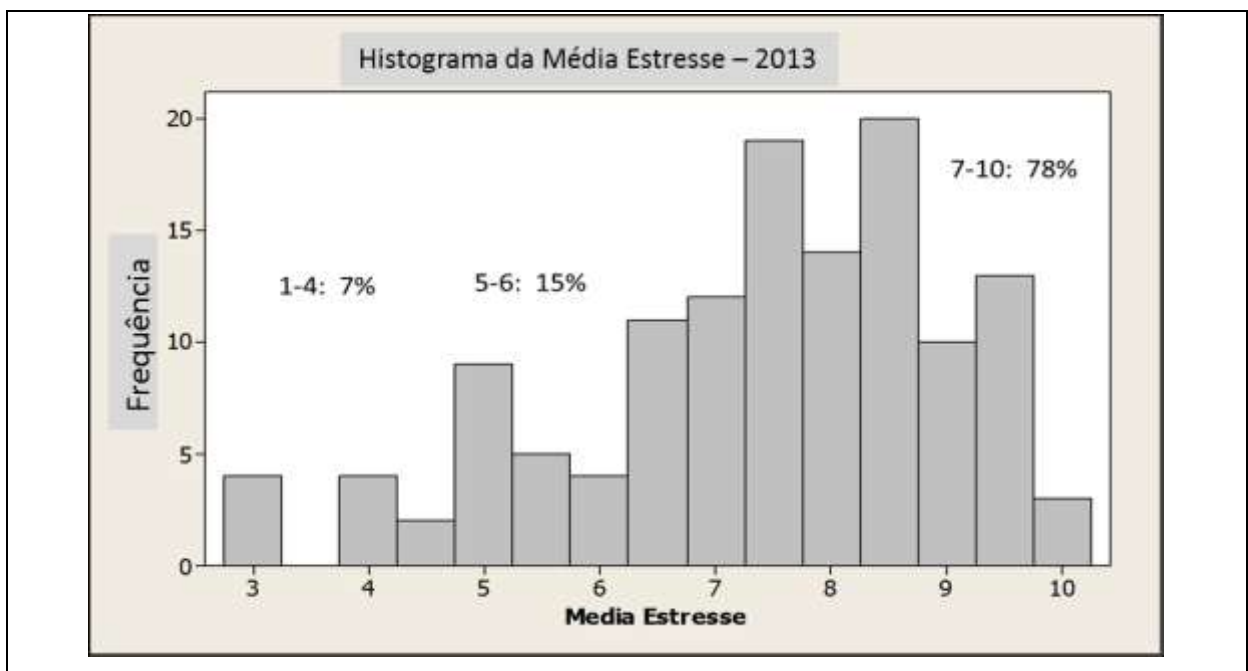


Figura 10 - Distribuição do estresse financeiro no nosso estudo
Fonte: pesquisa do autor.

Nossa distribuição do estresse financeiro tem uma concentração de respostas de pessoas menos estressadas em comparação com o estudo original, pois 78% dos respondentes podem ser classificados acima do nível “dificuldade financeira baixa / bom nível de bem-estar financeiro” (soma dos percentuais de respondentes com notas entre 7 e 10). Em comparação com o estudo original esse número ficou em 42%.

Nossa hipótese inicial era de que o estresse financeiro seria maior na população brasileira do que o encontrado na população estadunidense, devido à menor estabilidade econômica no Brasil. No entanto, o estrato da população que analisamos é muito diferente da média da população brasileira: 84% são planejadores financeiros pessoais e mesmo os que não tem essa habilidade tem características de escolaridade e renda muito diferentes da população média brasileira.

4 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Nosso trabalho identificou alguns fatores correlacionados com o estresse financeiro de uma parcela da população brasileira. A maior parte das variáveis (oito de um total de doze ou 67% das variáveis), teve a correlação esperada com o estresse financeiro. Renda e sua variabilidade, investimentos, dívidas e a diferença entre eles, a ocorrência de eventos negativos, escolaridade e sexo foram as oito variáveis que confirmaram nossas expectativas iniciais e puderam ser explicadas diretamente.

Verificamos que algumas variáveis (quatro de um total de doze, ou 33% das variáveis analisadas), apresentaram correlações inesperadas com estresse financeiro, como idade, organização dos pais, previsão de demissão nos próximos 6 meses e conhecimento declarado.

Uma conclusão é que o estresse financeiro é inferior no grupo de planejadores financeiros pessoais. Na escala IFDFW (Prawitz et al., 2006), que vai de 1 a 10, sendo a maior nota dada ao indivíduo com maior bem-estar financeiro, os CFPs tem, em média, um nível de bem-estar financeiro “muito bom”, com nota de 7,63. Já o outro grupo de profissionais alcançou um nível “médio/ moderado” de bem-estar financeiro, com nota de 5,98.

Identificamos também uma grande correlação entre estresse financeiro e o volume de dívidas do grupo de profissionais não especializados em finanças pessoais (-0,83). Adicionalmente ao dado de correlação entre as variáveis, destacamos que o grau de endividamento nesse grupo foi muito menor quando comparado ao endividamento médio do grupo de CFPs onde a correlação é de apenas -0,23.

O endividamento médio obtido do grupo de CFPs foi de 7,7 vezes a renda mensal, enquanto que no outro grupo a média foi de 2,4 vezes a renda mensal. Ou seja, ainda que o endividamento médio seja maior entre o grupo de profissionais não especializados, há maior correlação entre dívidas e estresse financeiro. Conforme observado anteriormente, nossa hipótese é de que a variável “Dívidas” possa causar mais estresse financeiro entre os outros profissionais do que entre os CFPs, ainda que não possamos afirmar com certeza. E como um dos grandes diferenciais entre os grupos seja “conhecimento sobre finanças pessoais”, podemos também levantar a hipótese de que conhecimento contribui para que dívidas não elevem o estresse financeiro.

Quando comparamos os resultados de estresse financeiro obtidos neste estudo

com o estudo original de Prawitz *et al*, identificamos uma diferença positiva em relação ao resultado com a população americana (7,36 e 5,7, respectivamente). Nossa justificativa é que analisamos uma parcela de profissionais muito mais esclarecida financeiramente, com indicadores muito diferentes da média da amostra de 1.300 pessoas pesquisadas por Prawitz *et al* nos EUA. A começar pelo grande peso de planejadores financeiros pessoais da nossa amostra (84%). Quando comparamos o resultado do estudo americano com a nossa amostra de “outros profissionais”, a média de estresse se aproxima: 5,7 e 5,98, respectivamente.

As baixas correlações entre estresse financeiro e a maior parte das variáveis dependentes pode nos levar à conclusão de que a) foram selecionadas variáveis pouco relacionadas com a variável independente do nosso estudo; ou b) o fenômeno analisado (estresse financeiro), tem suas causas em variáveis subjetivas que são difíceis de capturar em um estudo quantitativo.

Por isso, nossa proposta de novos estudos é de um aprofundamento da pesquisa por meio de entrevistas em profundidade para que os resultados sejam investigados com maior precisão.

Outra proposta é de aumentar a amplitude da amostra para outras faixas econômico-sociais brasileiras para que possamos aprofundar a comparação com os resultados obtidos no estudo original de Prawitz *et al*. (2006), nos EUA.

5 REFERÊNCIAS²

- APA-American Psychology Association (2012). *Stress in America*. Washington, DC: Author. Acesso 07 set. 2013, em: <http://www.apa.org/news/press/releases/stress/>.
- Atkinson, A., & Messy, F. (2012). Measuring financial literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) pilot study. *OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, 15.
- Banco Central Do Brasil (2011a). *Relatório de Inclusão Financeira*, 2. Brasília, DF: Author. Acesso 01 mai. 2013, em: <http://www.bcb.gov.br/Nor/relincfin/RIF2011.pdf>.
- Banco Central Do Brasil (2011b). *Relatório de Economia Bancária e Crédito*. Brasília, DF: Author. Acesso 01 mai. 2013, em: http://www.bcb.gov.br/pec/depep/spread/REBC_2011.pdf.
- Beveridge, W. (1944). *Full employment in a free society*. Chicago, IL: M. W. Books.
- Camargo, J.M. (2004). Política social no Brasil: prioridades erradas, incentivos perversos. *São Paulo em Perspectiva*, 18(2).
- Coremec. (2008). *Pesquisa nacional do grau de educação financeira*. Acesso 01 mai. 2013, em <http://www.vidaedinheiro.gov.br/Imagens/Plano%20Diretor%20ENEF%20-%20anexos.pdf>.
- Courchane, M., & Zorn, P. (2005). *Consumer literacy and creditworthiness*. Acesso 01 mai. 2013, em http://www.chicagofed.org/cedric/files/2005_conf_paper_session3_courchane.pdf.
- Debelle, G. (2004, março) Household debt and the macroeconomy. *BIS – Bank for International Settlements Quarterly Review*. Acesso 01 mai. 2013, em: http://papers.ssrn.com/sol3/Delivery.cfm/SSRN_ID1968418_code456443.pdf?abstractid=1968418&mirid=1.
- DTI - Department of Trade and Industry (2006). *Tackling over-indebtedness*. London, UK.

² Referências formatadas de acordo com normas da APA-American Psychological Association, conforme nota de rodapé 3, na página 76 do documento Normas para Apresentação de Monografia da Biblioteca Karl A. Boedecker, da FGV-SP, EAESP.

- ECB-European Central Bank (2009). *Financial stability review*. Frankfurt, Main.
- EMBRAESP - Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (2011). Pesquisa e Análise de Mercado. Acesso 01 mai. 2013, em <http://www.embraesp.com.br/87/Pesquisa-e-Analise-de-Mercado.aspx>.
- ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira (2010). Acesso 01 de mai. de 2013, em <http://www.vidaedinheiro.gov.br/Enef/>.
- Falcão, C. et al. (2012, julho 06). Juros e rentabilidade menores obrigam bancos a sair da zona de conforto. *Economia iG*. Acesso 01 mai. 2013, em <http://economia.ig.com.br/mercados/2012-07-06/juros-e-rentabilidade-menores-obrigam-bancos-a-sair-da-zona-de-conforto.html>.
- FECOMERCIO (2011). Radiografia do endividamento das famílias nas capitais brasileiras. Acesso em 01 mai. 2013, em http://www.fecomercio.com.br/arquivos/arquivo/radiografia_endividamento_das_familias_brasileiras_aladrmala6.pdf.
- Frankenberg, L. (1999). *Seu futuro financeiro* (16ª ed.). Rio de Janeiro, Brasil: Campus.
- Fundação Getúlio Vargas. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Biblioteca Karl A. Boedecker. (2008) *Normas para apresentação de monografia* (6ª ed.). São Paulo, Brasil. Acesso 12 dez. 2013, em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/site/sites/default/files/BibNormas.pdf>.
- Gil, A.C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (4ª ed.). São Paulo, Brasil: Atlas.
- Hakkio, C., & Keeton, W. (2009, 2º trimestre). Financial stress: what is it, how can it be measured, and why does it matter?. *Federal Reserve Bank of Kansas City – Economic Review*, 5-50.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo Demográfico 2010*. Acesso 12 set. 2013, em www.ibge.gov.br.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013, março). *Pesquisa mensal de emprego – março de 2013*. Acesso 23 abr. 2013, em ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/2013/pme_201303pubCompleta.pdf.
- IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2010). *Classe C urbana do Brasil: somos iguais, somos diferentes*. Acesso 23 abr. 2013, em

http://www4.ibope.com.br/comunicacao/midia/2010/apresentacoes/apresentacao/IBOPE_apresenta%C3%A7%C3%A3o_classeC.pdf

Joo, S., & Garman, E.T. (1998) Personal financial wellness may be the missing factor in understanding and reducing worker absenteeism. *Personal Finances and Worker Productivity*, 2(2), 172-182.

Kahnemann, D. (2012). *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro, Brasil: Objetiva.

Kempson, E. (2002). Over-indebtedness in Britain. A report to the department of trade and industry. *Personal Finance Research Centre*. Acesso 10 set. 2013, em: http://www.ggy.bris.ac.uk/pfrc/Reports/Overindebtedness_Britain.pdf.

Klontz, B. (2009) *Mind over Money: Overcoming the money disorders that threaten our financial health*. Crown Business.

Lei n. 12.703, de 07 de agosto de 2012. (2012, 07 de agosto). Altera o art. 12 da Lei no 8.177, de 1o de março de 1991, que estabelece regras para a desindexação da economia e dá outras providências, o art. 25 da Lei no 9.514, de 20 de novembro de 1997, que dispõe sobre o Sistema de Financiamento Imobiliário, institui a alienação fiduciária de coisa imóvel e dá outras providências, e o inciso II do art. 167 da Lei no 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências. Lex: legislação federal e marginalia, Acesso 1 mai. 2013, em <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1032685/lei-12703-12>.

Mandell, L., & Klein, L.S. (2009). The impact of financial literacy education on subsequent financial behavior. *Financial Counseling and Planning*, 20(1), 15-24.

Meirelles, V.M. (2012). *Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro ao longo da vida adulta*. Tese de doutorado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Neri, M. (2009). Os emergentes dos emergentes: reflexões globais e ações locais para a nova classe média brasileira. *Centro de Políticas Sociais, FGV*. Acesso 01 mai. 2013, em http://www.cps.fgv.br/cps/bd/nbrics/NBRICS_Apresentacao_Neri_CPS_FGv_apres.pdf.

OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development (2006). The importance of financial education. *OECD Observer*. Acesso 01 mai. 2013, em <http://www.financial-education.org>.

Prawitz, A. et al. (2006). InCharge financial distress/financial well-being scale: Development, administration and score interpretation. *Financial Counseling and Planning*, 17(1).

Proni, M.W. (2012). O debate sobre a tendência do pleno emprego no Brasil. *Revista Economia & Tecnologia (RET)*, 8(2), 23-50, 2012. Acesso 01 mai. 2013, em <http://www.economiaetecnologia.ufpr.br/revista/Volume%208%20n%202/06%20Marcelo%20Weishaupt%20Proni.pdf>.

Sbicca, A. et al. (2012). Expansão do crédito no Brasil e a vulnerabilidade do consumidor. *Revista Economia & Tecnologia (RET)*, 8(4), 5-16. Acesso 07 dez. 2013, em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/ret/article/view/30215/19998>.

SINDUSCON - Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (2012). *Apresentação de Fevereiro de 2012*. Acesso 05 mai. 2013, em http://www.sindusconsp.com.br/envios/2012/eventos/eventosrealizados/fevereiro/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_fevereiro12%20v2.pdf.

Slingenberg, J., & Haan, J. (2011) *Forecasting financial stress* (Working Paper n. 292). De Nederlandsche Bank. Acesso 01 mai. 2013, em http://www.dnb.nl/en/binaries/working%20paper%20292_tcm47-253005.pdf.

SPC – Sistem de Proteção ao Crédito, Brasil (2009). *Instrução 2009 n. 32*. Acesso 20 abr. 2013, em http://www.mpas.gov.br/arquivos/office/4_090909-160228-636.pdf.

Stevenson, W. (1986). *Estatística aplicada à administração*. Harbra.

APÊNDICE A

Apêndice – Questionário Final

Pesquisa sobre Bem-Estar Financeiro

Esta pesquisa é parte de um projeto acadêmico e tem por objetivo avaliar o bem-estar financeiro das pessoas.

Por favor, responda sinceramente. A identificação é facultativa.

Qual é o nível do seu estresse financeiro atual? *

Estresse financeiro é o seu nível de preocupação com a sua situação financeira. Respostas abaixo: 1, 2 ou 3: Muitíssimo estressado; 4, 5 ou 6: Muito estressado; 7, 8 ou 9: Pouco estressado; 10: Sem estresse.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Muitíssimo estressado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sem estresse

Com que frequência você se preocupa com a possibilidade de não conseguir pagar suas despesas mensais? *

Respostas abaixo: 1, 2 ou 3: Sempre; 4, 5 ou 6: Frequentemente; 7, 8 ou 9: Raramente; 10: Nunca

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Sempre	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nunca

Quão confiante você está em pagar uma despesa emergencial de R\$ 1.000 à vista, por exemplo? *

Considere como despesa emergencial o pagamento do conserto do carro quando quebra, despesas com alguém doente na família etc. Respostas abaixo: 1, 2 ou 3: Sem nenhuma confiança; 4, 5 ou 6: Pouco confiante; 7, 8 ou 9: Confiante; 10: Muito confiante

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Sem nenhuma confiança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito confiante

Com que frequência você deixa de ir a um restaurante, cinema ou passeio por falta de dinheiro? *

Respostas abaixo: 1, 2 ou 3: Sempre; 4, 5 ou 6: Frequentemente; 7, 8 ou 9: Raramente; 10: Nunca

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Sempre	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nunca

Com que frequência você se vê contando os dias para o próximo pagamento? *

Respostas abaixo: 1, 2 ou 3: Sempre; 4, 5 ou 6: Frequentemente; 7, 8 ou 9: Raramente; 10: Nunca

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Sempre Nunca

Quão estressado você se sente em relação às suas finanças em geral, considerando aqui inclusive sua preparação para a aposentadoria? *

Respostas abaixo: 1, 2 ou 3: Muitíssimo estressado; 4, 5 ou 6: Muito estressado; 7, 8 ou 9: Pouco estressado; 10: Sem estresse.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Muitíssimo
estressado

Sem
stress

Durante o período em que você morou com seus pais, como é (ou era) a organização financeira deles? *

Observe que não estamos tratando da condição financeira dos seus pais, mas da organização e disciplina com as finanças pessoais.

- Muito organizados. Faziam controle das finanças domésticas com periodicidade e disciplina
- Organizados
- Às vezes organizados e às vezes desorganizados
- Muito desorganizados
- Não sei/ Não me lembro
- Other:

Qual a sua principal fonte de renda atualmente? *

Assinale as duas alternativas mais relevantes dos seus rendimentos

- Aposentado
- Sou assalariado
- Sou empresário, recebo parte dos resultados da minha empresa
- Recebo ajuda de pais e/ou parentes
- Não tenho nenhuma atividade remunerada
- Other:

Sua renda varia ao longo dos meses? *

- Meu salário é sempre o mesmo

- O salário é o mesmo, mas recebo bonificações anuais ou semestrais
- Minha renda oscila até 30% entre um mês e outro
- Minha renda oscila mais que 30% entre um mês e outro
- Atualmente não possuo nenhum rendimento

Se for assalariado, responda: Na sua opinião, qual a probabilidade de você ser demitido nos próximos 6 meses?

- Menos de 10% de chance de ocorrer
- Entre 10% e 50% de chance
- Mais que 50% de chance
- Other:

Qual seu grau de conhecimento sobre Finanças Pessoais e sua vida financeira? *

“Conhecer sua vida financeira” aqui significa saber o quanto ganha e o quanto gasta por mês, ter uma ideia de quanto tem de patrimônio e suas dívidas.

- Nunca me informei a respeito e não tenho nenhum controle
- Já li a respeito e tentei controlar minhas contas, mas desisti
- Sempre leio a respeito e gosto de controlar minhas finanças
- Sou expert em Finanças Pessoais - aconselho as pessoas a respeito. Centralizo o controle do orçamento da minha casa.

Assinale abaixo todos os eventos* que ocorreram na sua vida nos últimos 2 anos: *

* Eventos com impacto na sua vida financeira

- Casamento
- Nascimento de filho (a)
- Separação/ divórcio
- Demissão
- Viuvez
- Falência de empresa própria
- Processo judicial com impacto (negativo) importante no seu orçamento
- Recebeu herança/ doação superior a um ano dos seus rendimentos atuais
- Nenhum evento com impacto no orçamento

- Other:

Se você tem dívidas, elas equivalem a quantas vezes o seu salário mensal?

Dívidas: com cartão de crédito, cheque especial, todos os financiamentos (inclusive da casa e do carro) e empréstimos com terceiros. Insira abaixo o valor total das dívidas dividido pelo seu salário mensal. (NÃO OBRIGATÓRIA)

Se você tem investimentos, eles equivalem a quantas vezes o seu salário mensal?

Investimentos: financeiros (bancos, inclusive em previdência complementar) e não financeiros (imóveis de aluguel, negócios próprios, por exemplo). Insira abaixo o valor total dos investimentos dividido pelo seu salário mensal. (NÃO OBRIGATÓRIA)

Qual a sua idade? *

Sexo *

- Masculino
- Feminino

Qual a sua escolaridade? *

- Pós graduação
- Ensino Superior
- Ensino Médio
- Other:

Qual a sua renda anual?

Considere seus rendimentos com salários, aluguéis, bônus, etc...

- Atualmente não tenho nenhuma fonte de renda
- Renda anual menor que R\$ 60 mil
- Renda anual entre R\$ 60 e R\$ 130 mil
- Renda anual entre R\$ 130 e R\$ 200 mil
- Renda anual superior a R\$ 200 mil

Compartilhe seu e-mail (opcional)

Para complementar os dados obtidos no questionário pode ser necessário explorar algum detalhe para aprofundamento. Fique à vontade para deixar seu e-mail.